
NARRATIVAS ORAIS E FORMAÇÃO POLÍTICA A PARTIR DO MASSACRE DE ELDORADO DOS CARAJÁS (PA) E DA MEMÓRIA DO JOVEM OZIEL ALVES*

DOI 10.18224/frag.v30i2.8194

ANTONIO DE JESUS PEREIRA**

MÁRCIO PENNA CORTE REAL***

Resumo: *este artigo apresenta resultados parciais de pesquisa desenvolvida durante percurso formativo de Doutorado em Performances Culturais I. A investigação estabeleceu seu objeto de estudo em torno do Massacre de Eldorado dos Carajás², no estado do Pará, em 17 de abril de 1996, tendo como problema: em que medida as narrativas orais dos sobreviventes do massacre de Eldorado dos Carajás, como expressão de um drama social, se relacionam com a formação política dos participantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)? Na ocasião, 19 trabalhadores ligados ao MST foram assassinados pela polícia do estado, durante a tentativa de negociação de um dos recorrentes conflitos por terra, comuns nesta parte da Amazônia brasileira. Tendo como corpus de análise as narrativas orais dos sobreviventes do massacre, levantadas em trabalho de campo por meio de entrevistas semiestruturadas, em sua abordagem teórico-metodológica este trabalho desenvolve a suas análises tomando como base as noções de cultura, formação, narrativas orais e memória. Essa abordagem permite um constructo, no texto, em que destaca-se o legado do mártir Oziel Alves e a cultura política do MST. Neste viés, o artigo apresenta considerações e contribuições para a reflexão sobre a cultura política e a formação dos militantes e da juventude no contexto do movimento social em questão, as quais são de interesses dos estudos interdisciplinares.*

Palavras-chave: *Massacre de Eldorado dos Carajás. Narrativas orais. Drama Social.*

A pesquisa sobre o massacre de Eldorado dos Carajás (PA) e o drama social dos sobreviventes deste episódio foi fundamental para desenvolver uma reflexão sobre a militância do mártir Oziel Alves Pereira. A partir do seu legado na luta pela terra,

* Recebido em: 15.04.2020. Aprovado em: 09.07.2020.

** Doutor em Performances Culturais da Universidade Federal de Goiás (FCS/UFG). *E-mail:* antony_ufpa@yahoo.com.br

*** Professor da graduação e da Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da UFG. Docente colaborador do Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais FCS/UFG. *E-mail:* mpcortereal@yahoo.com.br

Oziel Alves Pereira tornou-se fonte de inspiração para a juventude do MST. Este trabalho pretende enfatizar aspectos da formação política dos sem-terra, partindo da situação dos 19 trabalhadores que foram vitimados no dia 17 de abril, na “curva do s”³, e a luta desse jovem de 17 anos, que é lembrada pelos sobreviventes por meio de narrativas orais presentes no cotidiano do MST.

A primeira aproximação a este objeto de estudo e contato com os sobreviventes do massacre da cidade de Eldorado dos Carajás (PA) advém do ano de 2013, quando da realização, no Sudeste do estado do Pará, de pesquisa de campo que originou a dissertação de mestrado *As linguagens presentes nas místicas dos MST no processo de formativo da militância orgânica* (PEREIRA, 2014). Na ocasião, foi realizada uma imersão em assentamentos e acampamentos ligados ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Um dos locais visitados para realização de trabalho de campo foi o “Assentamento 17 de abril”, assim denominado em referência ao episódio. Esta perspectiva de investigação tem sido aprofundada com a realização do doutorado Interdisciplinar em Performances Culturais (UFG), a partir do ano de 2015. Como antecedentes verificou-se, durante a pesquisa de mestrado, pelos relatos e entrevistas com os militantes do MST no estado do Pará, que aquele episódio passou a fazer parte da história de luta dos trabalhadores e do próprio movimento social. Assim, buscou-se aprofundar a reflexão sobre a formação dos sem-terra, ligada às narrativas orais dos sobreviventes para compreender o drama social dos trabalhadores do campo após o massacre. O contato com os sobreviventes revelou que as histórias de vida de personagens como Oziel Alves Pereira são significativas para a reflexão sobre a formação política nesse contexto.

Por drama social recorre-se à abordagem que diz:

Nas sociedades de pequena escala, como a ndembu, os “dramas sociais” configuram “momentos extraordinários” instituídos pela própria sociedade e que possibilitam aos atores sociais distanciarem-se da mesma e, de maneira reflexiva, lançarem um olhar mais crítico para realidade social, bem como “tomarem consciência” dos conflitos, das contradições estruturais, dos problemas não resolvidos e suprimidos na realidade social. “Dramas sociais” e “ritos de passagens”, portanto, seriam momentos nos quais os atores sociais se arriscam numa aventura “dramática” – de representação de papéis e jogo simbólico – de ruptura e/ou inversão com a ordem estabelecida na vida cotidiana – porém, tendo como perspectiva, segundo o próprio Turner, a resolução dos conflitos a propósito da manutenção do status quo (SILVA, 2005, p. 41).

Essa referência à aventura dramática pode, por assim dizer, encontrar forte aproximação com o contexto empírico, em termos dos conflitos e, mais precisamente, do drama social vivido pelos membros do movimento social em questão, após o acontecimento em discussão. Percebe-se que os trabalhadores que vivem no Assentamento 17 de abril convivem com as narrativas dos sobreviventes do massacre, pois o episódio é lembrado em todos os momentos do cotidiano. As narrativas são socializadas na comunidade pelas pessoas, principalmente pelos sobreviventes do confronto da “curva do s”. Por outro lado, as ruas e outros espaços do Projeto de Assentamento (PA) receberam o nome dos que foram assassinatos no dia 17 de abril de 1996. Aqueles que tomaram no confronto da “curva do s” foram homenageados pelos sobreviventes, sendo que algumas estruturas da comunidade, como a sua

escola e ruas, receberam nomes das vítimas, por isso, esta instituição educacional da comunidade recebeu o nome de “Oziel Alves Pereira”.

As narrativas orais dos sobreviventes do massacre de Eldorado dos Carajás se tornaram fontes para conhecer a história da luta dos trabalhadores. E são relevantes, pois, no entendimento de Benjamin (1995, p. 205):

A narrativa, que durante tanto tempo floresceu num meio de artesão no campo, no mar e na cidade, é ela própria, num certo sentido, uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso.

Benjamin (1995) identificou que as narrativas são constituídas com o propósito de exprimir as experiências de vida dos indivíduos, as quais a escrita não consegue dar conta de manifestar em texto escrito, pois a oralidade é uma comunicação que revela o subjetivo da pessoa. Além disso, outros autores contribuíram para a reflexão sobre o processo de formação dos sem-terra, como Roseli Salette Caldart (2004), Gilmar Mauro (2006) e Adão Preto (2009).

Na primeira parte deste trabalho, discute-se dimensões da cultura política do MST, enfatizando o universo das práticas culturais que possibilitam a formação política dos sem-terra. Na segunda, abordam-se aspectos da história de um dos jovens que faleceu no episódio e hoje é considerado um mártir que alimenta o processo formativo da juventude do movimento social.

CULTURA POLÍTICA DO MST E O MASSACRE DE ELDORADO DOS CARAJÁS

No caminho sinalizado, são discutidos elementos que fazem parte do universo dos trabalhadores rurais sem-terra. Estes dizem respeito à luta dos militantes do MST e surgem como expressão de suas experiências de vida, isto é, as suas memórias. Na perspectiva de Santana e Simões (2016, p. 65), “para entendermos as memórias *que se ficcionalizam* nas narrativas orais, abordamos esses bens simbólicos como elemento de representação cultural, que expressam o pensamento e a cultura de um povo”. Neste contexto, os sujeitos se relacionam com objetos e expressões culturais, que representam traços da história dos sem-terra.

As narrativas orais sobre o episódio de Eldorado dos Carajás se tornaram elementos que circulam e fazem parte da cultura dos sem-terra. Com o aporte de Santana e Simões (2016, p. 65) é possível compreender que “quando partilha suas vivências pessoais e coletivas com uma plateia, de algum modo libertando-se do fardo solitário do testemunho, um narrador pode ouvir a si próprio e costurar suas reminiscências ao momento atual”.

Neste sentido, a cultura política no MST está presente no modo de resistência dos trabalhadores, no seu processo de organização, nas histórias de vida e na forma como o movimento se articula. A noção de cultura política contribui para o estudo dos depoimentos dos sobreviventes do massacre de Eldorado dos Carajás, ajudando a compreender aspectos pertinentes à memória, à cultura e ao drama social que vivem. Carneiro e Kuschnir (1999) percebem a cultura política como uma esfera que faz parte da vida dos seres humanos, isto é,

um conjunto de elementos que interferem na vida e nas relações sociais que as pessoas estabelecem entre si.

Ainda em consonância com este pensamento, Carneiro e Kuschnir (1999) sugerem que a cultura política está no modo das pessoas agirem, nas suas crenças, nas relações estabelecidas pelos sujeitos e até mesmo nos significados que são dados para o seu conjunto de regras e atitudes. Nesta compreensão, a cultura política do MST surge por meio dos instrumentos de trabalho e dos símbolos que representam a luta pela terra. Para reforçar mais ainda o que dizem os autores, percebe-se que:

No nosso entender, a noção de cultura política refere-se ao conjunto de atitudes, crenças e sentimentos que dão ordem e significado a um processo político, pondo em evidência as regras e pressupostos nos quais se baseia o comportamento de seus atores (CARNEIRO; KUSCHNIR, 1999, p. 227).

Carneiro e Kuschnir (1999) abordaram o conceito de cultura política a partir do pensamento de Almond e Verba (1963; 1980) na década de 1960. Deste modo, na análise do contexto investigado, a cultura política se aproxima em termos de compreensão ao que Mauro (2006, p. 28) assim frisou:

[...] ao redor dos assentamentos existem outros setores do campo, como os pequenos agricultores, pescadores, quilombolas, etc., bem como, os trabalhadores urbanos. Todos esses atores da classe trabalhadora estão interessados em políticas públicas e, se motivados, poderão lutar e se organizar, muito mais, que hoje, para a conquista das mesmas. A falta de creches, escolas, bibliotecas públicas, salas de cinema, lazer, emprego, estradas e urbanização, a discussão sobre o controle público do orçamento dos municípios, que precisam atender as demandas populares, é parte dos problemas locais que podem ser mobilizadores e organizadores para o empreendimento de uma nova cultura política no local e, de igual maneira, no país.

Ao lado disso, os trabalhadores têm uma dimensão dos problemas sociais de vários setores e, neste processo, a cultura política que perpassa o cotidiano e se desdobra em valores ligados ao Movimento Sem Terra. Indo por este viés, Mauro (2006, p. 30) diz que

Já existem diversas experiências realizadas, nos diferentes níveis de intervenção da atividade humana: controle dos trabalhadores e auto-gestão de empresas, luta eleitoral e a participação no parlamento ou nos governos locais, participação popular nos orçamentos públicos, participação e controle em áreas como educação, saúde, transporte público (a luta pelo passe livre), a luta pela democratização dos meios de comunicação (rádios e TVs populares), os movimentos sociais contra as desigualdades econômicas, étnicas, sexual, racial, a violência policial, em defesa do meio ambiente etc. Todos esses processos são alguns exemplos de ações e instrumentos que o nosso povo, aqui e acolá, lança mão como forma de defender seus interesses e levar sua cultura política.

A inserção dos trabalhadores em diversos setores sociais, como afirmou Mauro (2006), expressa ações que permitem a participação popular nesses espaços. É por meio do processo de participação que os movimentos sociais têm forças para promover suas lutas rei-

vindicatórias. A compreensão acerca da luta pela terra é um dos elementos da formação da cultura política do MST. Conforme tratou Caldart (2004, p. 88):

A ênfase aqui está na compreensão de como um processo de formação humana pode ajudar no fortalecimento cultural e político de um determinado grupo social que se constitui como sujeito de luta de classes. É assim que se pode compreender o sentido sociocultural das experiências de educação do MST, buscando apreender nos vínculos orgânicos de determinadas práticas educativas com o movimento social, a pedagogia que ajuda a reproduzir e a constituir a identidade dos sujeitos, potencializando os processos culturais produzidos no conjunto das lutas e da dinâmica de organização desse Movimento.

A cultura política do MST pode ser entendida como uma dimensão do processo formativo dos sem-terra. Nesta dimensão encontram-se referências sobre o processo educativo, pois:

Se queremos educar os sujeitos de um novo projeto de desenvolvimento social para o campo, educar para a ação transformadora, isto quer dizer que precisamos de pessoas capazes de articular, com cada vez mais competência, teoria e prática, prática e teoria. Quem não sabe ligar uma coisa com outra, um problema com outro, quem não sabe juntar o que estuda na escola ou num curso, com a sua vida do dia-a-dia, com as questões que aparecem no trabalho, na militância, nas relações com as outras pessoas, não pode ser chamado de “bem educado” e não consegue dar conta dos grandes desafios que temos no contexto social de hoje, como cidadãos e como integrantes do MST (MST, 1996, p. 11).

Essa práxis possibilita aos sujeitos enfrentar os seus desafios e prepara os agentes sociais para articularem suas ações de enfrentamento e luta por justiça social. Como é enfatizado por Pretto (2009, p. 7), ao dizer que:

A nossa luta é por liberdade, por justiça e que nós sejamos donos daquilo que fizemos e essa é a grande disputa de projeto. Tem vários partidos políticos no Brasil, mas, na realidade, só há dois projetos: o de quem quer ser dono daquilo que produz e os outros que querem enriquecer à custa dos outros. Nós estamos nessa disputa e é por isso que o movimento é tão perseguido.

Neste sentido, o processo de ocupação, a luta, as marchas, as noites culturais e as mobilizações dos sem-terra constituem elementos da cultura política do MST. Em outras palavras, as práticas culturais como as místicas, as marchas, as mobilizações e as narrativas orais dos sobreviventes fazem parte de atos de protestos e da história de luta do movimento.

A educação pode ser considerada ao mesmo tempo um processo de produção e de socialização da cultura; pode ser ainda um processo de transformação cultural das pessoas, dos grupos. Neste sentido, em outros princípios de nossa proposta de educação já aparecem elementos desta relação necessária entre educação e cultura. O destaque aqui é para enfatizar especificamente o papel que cabe à educação no processo de construção/

reconstrução da identidade cultural dos trabalhadores, e no nosso caso, dos trabalhadores que pertencem ao MST (MST, 1996, p. 19).

Neste viés, a dinâmica da luta do MST transforma os sujeitos em ser sem-terra, como apontou Caldart (2004, p. 32): “ser *Sem Terra* hoje significa mais, ou não significa o mesmo, do que ser trabalhador rural ou camponês *que não possui terra para cultivar*, muito embora não seja possível entender a identificação Sem Terra sem compreender a raiz cultural camponesa [...]”.

OZIEL ALVES E FORMAÇÃO DA MILITÂNCIA

Em decorrência do já dito, no acampamento denominado Oziel Alves Pereira⁴, os jovens participam das atividades culturais e conhecem do episódio aqui referido, isto porque as narrativas sobre o massacre influenciam no processo de formação da militância do MST. Oziel Alves Pereira, após o 17 de abril de 1996, tornou-se um dos mártires do movimento. O nome Acampamento da juventude é referência à memória deste jovem, que faleceu na ocasião com 17 anos de idade.

A compreensão de mártir, que está presente no cotidiano do acampamento e que, portanto, relaciona-se com a visão que os sujeitos têm sobre Oziel Alves Pereira, relaciona-se com a acepção de Pinto (2016, p. 51), na medida em que:

Por certo podemos dizer que a morte do jovem líder do movimento social e popular do MST, e conseqüentemente seu nome e sua imagem, são assim apropriadas de certa forma pelo movimento a fim de começar uma representatividade e legitimidade que corroboram para formação de sua ideologia. Oziel enquanto vivo é liderança, mas morto se torna mártir e ganha contornos de uma espécie de mito, já que as condições de sua morte servem para legitimar a luta pela terra, tanto é assim que seu nome está em nomes de bairros, escolas e de ruas de assentamentos ou ocupações em várias partes do país.

É dito por Caldart (2004, p. 375) que:

Fazer uma ação simbólica em memória de um companheiro que tenha tombado na luta, ou de uma ocupação que tenha dado início ao Movimento em algum lugar, é educar-se para sentir (mais do que para saber) o passado como seu, e portanto como uma referência necessária às escolhas que tiver de fazer em sua vida, em sua luta; é também dar-se conta de que a memória é uma experiência coletiva: ninguém ou nada é lembrado em si mesmo, descolado das relações, sociais, interpessoais, que continuem sua história.

Neste sentido, a figura do mártir Oziel Alves é recorrente entre os militantes sem-terra. Isso chama atenção entre os entrevistados para o trabalho, como pode ser percebido a seguir, como neste depoimento:

foi a hora que eles pegaram o Oziel pelos cabelos para o meio da pista ali linchando e fala sua palavra de ordem, a palavra de ordem de vocês e ele gritava MST, quando mais ele grita mais eles torturaram ele. O Oziel não morreu no início, no momento

na curva, eles terminaram de matar ele lá no hospital no 30 (Trecho da entrevista/sobrevivente 8).

Os momentos que o jovem militante passou na “curva do s” são relatados pelos entrevistados pelo nível de violência e, posteriormente, tornam-se, de certa forma, fontes de inspiração para os sobreviventes e para os militantes do MST em suas lutas. Este caráter pode ser aprofundado ao se perceber que:

Os policiais iniciaram os disparos contra os membros inferiores (pernas). Depois selecionaram as lideranças que deveriam ser mortas e encontraram OZIEL ALVES PEREIRA em uma barraca. Com os trabalhadores feridos e rendidos, os policiais passaram a usar os próprios instrumentos de trabalho dos lavadores como facão e foice para matá-los. O massacre durou aproximadamente uma hora. Os mortos e feridos foram levados pelos policiais para o acostamento. Às 19 horas, a rodovia PA 150 estava liberada, conforme exigência do governador Almir Gabriel (MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA, 1999, p. 16).

Além de diversos disparos contra os trabalhadores e da caçada aos membros da direção do movimento, os policiais executaram o jovem Oziel Alves. Sabe-se, pelos depoimentos, que o jovem militante foi morto após os policiais o terem capturado e feito uso dos próprios instrumentos de trabalho dos acampados para atacar, de forma fulminante, as pessoas que estavam rendidas e feridas.

Por tudo isso, o jovem militante tornou-se uma referência na luta pela terra e pela reforma agrária. Por isso, é lembrado pelos sobreviventes do episódio e pela juventude ligada ao MST, como pode ser percebido em outro trecho de entrevista:

Lá nessa casa estava o Oziel, a casa estava lotada de mulher e criança. O menino estava escondendo para proteger as mulheres e com as crianças né, porque na semana que nós saímos na marcha ele falou para o meu coordenador, “Olha João, acontecer o que acontecer eu não abandono meu povo”, ele disse essa palavra né, um rapaz de 17 anos novinho, 17 anos é criança ainda. Aí eles pegaram ele, furou ele, torturaram ele até a morte (Trecho da entrevista/sobrevivente 8).

No decorrer do trabalho foi constatado que os sobreviventes e o legado das vítimas do massacre contribuem para formação dos sem-terra. Na visão da sobrevivente 9, “[...] não é uma coisa assim que a pessoa pode esquecerem, não tem como esquecer”. Isso permite aos sujeitos rememorem o vivido e, talvez, incentive a juventude a lutar. Nas lembranças do dia 17 de abril de 1996, é recorrente a referência a Oziel Alves Pereira, como descreve o sobrevivente 6 no trecho a seguir:

O finado Oziel eles pegaram lá na frente do buteco e levaram ele vivo e amarrado, eu vi o momento que pegaram, depois que acabou tudo. Reuniram esse povo que papocaram tudo e eu fiquei lá, eu só sai na hora que eu vi chegando o jipe do exército, aí eu disse: “Agora eu posso sair, viu”. Chegou um comandante do exército, não sei o nome dele, e falou assim: “Agora nós veio para fazer...”, como que ele chama... “fazer varredura na

área, para saber se tem alguma pessoa morta nas proximidades” (Trecho da entrevista/sobrevivente 6).

O entrevistado destacou que, mesmo diante do de todo o acontecido, o militante respirava, mas que não se sabe o que aconteceu com o jovem deste momento em diante, a não ser que ele continuou lutando por sua vida.

Consonante a este quadro, Caldart (2004, p. 347) acrescenta que:

É difícil hoje um sem-terra do MST que não se sinta um irmão de Oziel, aquele jovem que morreu em Eldorado dos Carajás gritando *viva o MST!* Isso torna mais complexos e variados os processos educativos movidos pela coletividade sem-terra; porque, se boa parte da formação humana acontece nas relações interpessoais cotidianas e repetidas (o dia a dia de um acampamento, de um assentamento, de uma família, de uma escola), certamente o processo fica mais rico quando esse cotidiano não se refere sempre a um mesmo lugar, às mesmas pessoas, às mesmas relações, e também quando um cotidiano local pode trazer em si os ingredientes de outros lugares, de outros tempos, constituindo-se como que a materialidade cultural de um processo histórico mais amplo.

Assim, esse episódio é um dos elementos que contribuem para o processo formativo dos sem-terra, pois estes relatos circulam em diversos espaços da organização, ajudando a manter a coletividade e a relação entre os trabalhadores, além do que, relaciona-se à memória do militante Oziel Alves. Neste sentido, Caldart (2004, p. 209) enfatiza:

E a associação de datas evoca uma pergunta ainda mais difícil, ela própria provocadora daquele mesmo arrepio: o que levou o jovem Oziel, de 17 anos, durante o massacre de 17 de abril de 1996 em Eldorado dos Carajás, no Pará, mesmo sob tortura, continuar gritando, até morrer, *viva o MST?* Não há como responder apenas intelectualmente a essas perguntas. Mas certamente não foram poucos os caminhantes da marcha que se lembraram de Oziel, cada vez que o cansaço os fazia pensar em desistir de tudo. Cada obstáculo parece muito menor, quando se evoca a lembrança do que está em jogo, e então a paixão pela luta vai ficando maior do que o cansaço, maior do que a dor, maior do que o medo.

O militante Oziel Alves, mesmo depois de mais de duas décadas do confronto na “curva do s”, continua presente na vida dos sem-terra, principalmente da juventude ligada ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Por isso, a importância de contar a história do massacre, da rebeldia do militante Oziel no dia 17 de abril de 1996 e da memória dos conflitos que ocorreram no campo. Caldart (2004, p. 375) enfatiza que

Cultivar a memória é mais do que conhecer friamente o próprio passado. Por isso talvez exista no MST uma relação tão próxima entre memória e mística. Através da mística do Movimento os sem-terra celebram a sua própria memória, de modo a torná-la uma experiência mais do que racional, porque entranhada em todo o seu ser humano.

Os sujeitos ligados aos movimentos sociais procuram meios para contar suas histórias, de forma a ecoar suas vozes sociedade. A luta pela reforma agrária se traduz aos seus

agentes como busca por emancipação. Na ocasião discutida, ocupação da estrada foi o recurso usado pelo MST para pressionar o governo, visto que a negociação não avançava, como detalhado no depoimento abaixo:

No dia 16 nós ocupamos a pista e foi dia de muita chuva e muita mesmo, ocupamos a pista às seis horas da manhã e seis da tarde eles sentiram incomodados. Tanto o governo municipal, governo estadual e governo federal sentindo incomodado porque na estrada com duas mil pessoas, os carros não passava, nós deixava nada passar né, a não ser uma ambulância que a pessoa que estivesse muito mau. Aí veio o secretário de saúde juntamente como o prefeito para fazer negociação com a nossa militância. Até esse tempo eu não fazia parte de nenhuma instância do movimento, eu simplesmente era um componente, aí foi feito acordo com a nossa militância, a coordenação. A gente estava reivindicando, naquele momento, medicação, transporte e alimentação. Nós tinha alimentação mas estava acabando, duas mil pessoas comendo, toda alimentação é pouca (Trecho da entrevista/sobrevivente 8).

A meta era uma negociação. Fica em aberto a questão sobre por que ela não se concretizou de fato, já que os representantes do governo estiveram no local do acampamento dos sem-terra. No entanto, não tiveram capacidade de equacionar a situação tendo os resultados que são conhecidos.

Não obstante, por meio desta dimensão do processo formativo, Caldart (2004, p. 344) infere que:

Voltar a ter raiz é certamente uma das grandes e primeiras conquistas dos sem-terra que entram no MST, e é ela que permite a cada pessoa abrir-se para a possibilidade de continuar sua formação como sujeito. Quanto mais enraizado em sua nova produtividade, mas o sem-terra poderá ser educado por ela. E estou falando aqui de diversos e combinados processos de enraizamento: no grupo do acampamento, na terra, na família sem-terra, na cultura material de quem luta e trabalha na terra, nas diversas práticas sociais, na possibilidade de estar em uma escola, e na própria cultura do Movimento.

A história do massacre de Eldorado dos Carajás é constituída por memórias. Como enfatizado pelo sobrevivente 3, “o pessoal aqui quase tudo conta a história, é ouvida no Brasil e no mundo todo, todo mundo sabe dessa história que aconteceu isso aí, todos sabem”. Diante deste contexto tem-se dimensão da luta e da relação entre latifundiários e trabalhadores do campo, como apresentado por Pretto (2009, p. 09):

Aprendemos também que o latifúndio é raivoso e violento. Não apenas por concentrar a terra, não apenas pela pilhagem dos recursos públicos através do calote nos créditos rurais ou nos despejos das ocupações. É violento e raivoso quando ceifa a vida de tantos companheiros e companheiras, de tantas famílias. E assim nos levaram valorosos companheiros e companheiras... Padre Josimo, Dorcelina Folador, Roseli Nunes, Fusquinha, Doutor, Oziel, Antônio Tavares.

Para além disso, o universo do massacre circula por meio das práticas culturais, o que contribui para a cultura política do movimento. Caldart (2004) aponta que a cultura do

MST é fundamental para formação dos sem-terra, isto é, o que os sujeitos vivem no cotidiano contribui para a formação. A autora ainda afirmou que:

A cultura que busco entender no processo de formação dos sem-terra pelo MST é, pois, aquela que, por se produzir na dinâmica de um movimento social, ou de uma luta social, diz respeito bem mais ao *extraordinário* do que ao *cotidiano*, entendido este no sentido daquilo que se repete todos os dias, dos costumes mais estáveis, rotineiros. A dinâmica de uma luta social que se desenvolve durante um certo período de tempo, como tem sido a luta pela terra e pela Reforma Agrária feita pelo MST, também passa a ter um cotidiano, mas se trata de um cotidiano que exatamente rompe ou pelo menos retrabalha certos padrões ou certas tradições presentes naquele chamado *modo cotidiano de vida*. Por isso mesmo, ele produz significados, valores, comportamentos, ideias, com uma dimensão diferente daquelas usualmente incluídas no conceito antropológico de cultura (CALDART, 2004, p. 38).

É a cultura do ser sem-terra que foi aglutinando valores e saberes constituídos historicamente. É no cotidiano da luta pela reforma agrária que os agentes sociais se formam, e, como militantes, contribuem para constituição da cultura do MST. Esse caráter relaciona-se ao entendimento de Caldart (2004, p. 40) assim explicitado:

Um movimento social que se traduz em cultura, nesta concepção, significa um movimento social enraizado, tanto no sentido de que suas raízes podem ser encontradas na própria memória histórica do povo a que representa ou do qual faz parte, quanto no sentido de que deita raízes para uma continuidade histórica que vai além de si mesmo, ou de lutas imediatas que caracterizem sua atuação em uma determinada conjuntura política. Trata-se da herança que traz e também que pode deixar, ou não, para as novas gerações de lutadores sociais, o que quer dizer um lugar menos ou mais significativo na história ou na memória de seu povo.

A partir da visão da autora, percebe-se que o movimento tem uma relação cultural, constituída por sua coletividade, o que significa dizer que são múltiplas as práticas culturais do MST. Entre elas estão as místicas, as marchas, as ocupações e as noites culturais, que contribuem para suas expressões. Caldart (2004, p. 348) ainda frisou que:

A potencialidade pedagógica da coletividade, ou mesmo das práticas organizativas e das relações sociais, não é uma novidade proposta pelo Movimento. Podemos dizer que há mesmo uma tradição pedagógica dessa reflexão, em grande parte vinculada às reflexões sobre a dimensão educativa do conjunto das práticas culturais.

Entre essas práticas culturais, ocupam destaque as denominadas místicas. Na reflexão sobre as místicas do MST, em trabalho anterior (PEREIRA, 2014, p. 13) foi destacado que “[...] por meio do contexto de luta que os militantes construíram suas práticas culturais; e as místicas, sendo parte delas, foram responsáveis pela socialização do processo de luta desenvolvido pelo movimento”.

Neste sentido, a compreensão sobre a mística tomada do trabalho citado, que consiste em dissertação de mestrado em performances culturais, alude que:

Em linhas gerais, a mística é uma prática cultural do Movimento Sem Terra na qual se manifesta o trabalho que os camponeses realizam na terra; bem como, a forma como acontecem as ocupações de terras pelos trabalhadores sem-terra. Dito de outra forma, a mística, como prática cultural do MST, expressa o modo de vida dos camponeses e sua labuta para cultivar a terra (PEREIRA, 2014, p. 17).

Complementarmente, pode-se pormenorizar, ainda a partir do mesmo trabalho:

A mística como uma celebração que faz parte da vida social dos militantes pertence à cultura do MST, mais que isto, ela possibilita que os militantes articulem os principais elementos que faz parte da vida coletiva. Desta forma, o sentido e o significado da mística mudou ao longo dos anos, pois a vida que os sujeitos sem terra levam é dinâmica, já que passam por vários desafios para conquistar a posse da terra, e isto possibilita construir uma consciência social (PEREIRA, 2014, p. 49).

E é com o pensamento de Benjamin (1994) que se torna possível sugerir que os sobreviventes do episódio de 17 de abril têm muitas histórias para contar, pois eles têm uma trajetória antes e após o episódio, as quais relacionam-se à sua trajetória antes do ingresso no MST e ao contexto do massacre de Eldorado dos Carajás. No próximo trecho de entrevista, o sobrevivente 8 relata como era sua vida antes de entrar no movimento:

Eu me criei no Maranhão com meus pais até 18 anos de idade, com 18 anos vim para o Pará, nessa região do Marabá. Fiquei em Marabá um ano e fui para Belém, fiquei dois anos lá trabalhando na casa de família. Aí vim de Belém para Parauapebas, sempre trabalhando na casa de família, restaurante. Aí tive meu menino em Parauapebas, eu ganhei Vanderlei, ele é de 1993. No final de 1993 para o início de 1994 eu vim para Eldorado, porque eu queria, eu estava atrás de um pedaço de terra em algum lugar para mim fazer uma casa para mim morar e criar ele. Eu não tinha casa, eu morava em quartinho de aluguel (Trecho da entrevista/sobrevivente 8).

Existe um saber⁵ que se manifesta nas narrativas dos sobreviventes, de modo que a condição de 'migrante/viajante' foi o que levou os sujeitos para outra dimensão social, como se tornar assentados. Esta condição também fez com que os agentes conhecessem sua cultura, seus valores e o modo de vida dos sem-terra (Benjamin, 1994). Em outras palavras, pode-se dizer que existe um saber cultural que está ligado ao estilo de vida de quem mora no campo. Ainda no trabalho de mestrado (PEREIRA, 2014, p. 137), refletiu-se que

A formação que o MST disponibiliza para sua militância se dá pelo menos de duas maneiras: a formação dos sujeitos na luta diária, no convívio social com os acampados e assentados; e por meio da apropriação dos saberes sistematizados sobre as lutas históricas, o que possibilita reflexões.

É possível dizer que os valores culturais que foram socializados entre as gerações se tornaram fundamentais no processo de unificação de um grupo social. A ação simbólica se manifesta em determinado espaço e em vários momentos da vida em sociedade. Indo por

este viés, Gilmar Mauro (2006, p. 36) refletiu que “as reuniões, os debates, as assembleias, as lutas, são espaços importantes no exercício da participação e do aprendizado, são momentos que todos podem dar a sua opinião, divergir, e ajudar a construir ideias e projetos coletivos”.

O presente trabalho traça, então, uma linha de compreensão que se aproxima à inferência de Mauro (2006), pois é possível perceber dimensões da formação dos sem-terra presentes em atividades que ocorrem em espaços, como, por exemplo, o Acampamento da Juventude na “curva do s”, evento organizado anualmente pela militância do MST que propicia debates acerca da conjuntura política e da situação da luta pela terra. Também se configura como espaço de tomada de decisões e de encaminhamentos das atividades a serem desenvolvidas durante o ano, visto que o dia 17 de abril marca o “início da Jornada Nacional de Lutas pela Reforma Agrária”. Esse evento possibilita, ainda, à militância promover atividades voltadas para a juventude do movimento, relacionadas à formação política, à conjuntura política e à narrativa sobre o legado daqueles considerados mártires do massacre de Eldorado dos Carajás. Neste contexto, também, são realizadas atividades como místicas e protestos, como o fechamento de estradas em homenagens às vítimas.

Ao relacionar esta dimensão do passado e do presente, a memória surge como fator que contribui com a formação dos agentes sociais, por isso, tornam-se relevantes as narrativas orais dos sobreviventes do episódio de 1996. Além de enfatizar as vivências que tiveram no dia 17 de abril, os sem-terra rememoram a trajetória de vida de Oziel Alves, pela sua ousadia e contribuição para a luta pela terra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo mostrou resultados parciais do estudo sobre o massacre de Eldorado dos Carajás, o qual foi realizado durante o curso de Doutorado em Performances Culturais da Universidade Federal de Goiás (UFG), que levou a enfatizar o drama social dos trabalhadores sem-terra. Buscou-se, com este trabalho, além de realizar uma análise das narrativas orais dos sobreviventes do confronto, discutir sobre os elementos que contribuem com o processo formativo da juventude e dos trabalhadores ligados ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

As narrativas orais dos sobreviventes do massacre foram essenciais para conhecer a trajetória de luta dos sem-terra, bem como a luta e o percurso de formação dos sujeitos, e exigiu abordar a noção de cultura política. A memória é um elemento que mostrou os conflitos que os trabalhadores vivem no campo, além de apontar que a figura de um dos mártires se tornou inspiração para os militantes do MST. Em outras palavras, existe um saber nas narrativas orais dos sobreviventes do massacre de Eldorado dos Carajás (PA).

Portanto, o trabalho analisou aspectos que surgem por meio das narrativas orais dos sobreviventes do massacre de Eldorado dos Carajás, no caso, a cultura política do MST e a figura do mártir Oziel Alves. Essa abordagem abre reflexões pertinentes ao processo de formação da juventude dentro do movimento, além de frisar aspectos da história de vida de uma das figuras que inspiraram a formação da militância do Movimento Sem Terra.

ORAL NARRATIVES AND POLITICAL FORMATION FROM THE MASSACRE OF ELDORADO (PA) AND THE MEMORY OF THE YOUNG OZIEL ALVES

Abstract: this article presents partial research results developed during the investigation process in Doctoral studies in Cultural Performances. The investigation established as its object of study the Eldorado dos Carajás Massacre in the state of Pará, which happened on April 17, 1996, and brought up the following problem: to what extent do the oral narratives of the survivors of the Eldorado dos Carajás massacre, as an expression of a social drama, relate to the political training of participants in the Landless Rural Workers Movement (MST)? At the time, 19 workers linked to the Landless Rural Workers Movement (MST) were murdered by state police officers while attempting to negotiate in one of the recurring land conflicts, common in this part of the Brazilian Amazon. Having as the corpus of analysis, the oral narratives of the survivors of the massacre raised in fieldwork through semi-structures interviews, in its theoretical-methodological approach this work develops the analysis based on the notions of culture, training, oral narratives, and memory. This approach allows a construct in the text, in which the legacy of the martyr Oziel Alves and the political culture of the MST come to light. In this regard, the article presents considerations and contributions to the reflection on political culture and the training of militants and youth in the context of the social movement in question, which is of interest to interdisciplinary studies.

Keywords: Eldorado dos Carajás Massacre. Oral narratives. Social drama.

Notas

- 1 O presente artigo apresenta, portanto, resultados parciais de pesquisa de Doutorado em Performances Culturais, que se encontra em fase de conclusão e vem sendo realizado com financiamento da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), na forma de bolsa de estudos.
- 2 O massacre de Eldorado dos Carajás é resultado de uma marcha organizada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, com a qual pretendia-se a reivindicação de terras para famílias acampadas na região Sudeste do estado do Pará. O episódio do massacre da “curva do S” ocorreu no dia 17 de abril de 1996, quando, na ocasião, foram mortos 19 trabalhadores sem-terra e outras 69 pessoas ficaram feridas.
- 3 O episódio ocorreu na BR 155, na “curva do s” e ficou conhecido como o Massacre de Eldorado dos Carajás (PA), tanto pela natureza da violência que as vítimas sofreram, como pelo número de feridos na carnificina.
- 4 É uma das atividades do MST que se tornou importante para os sem-terra. Ela ocorreu desde o massacre de Eldorado dos Carajás, na “curva do s”. Todos os anos os trabalhadores montam o acampamento com o objetivo de propiciar aos jovens do movimento uma formação política. Além de ser um espaço de articulação da luta na região, também é o momento de rememorar a luta dos companheiros que tomaram no dia do massacre.
- 5 É por meio das narrativas que é possível perceber a existência de uma crença, de comportamentos e atitudes de pessoas que estão inseridas em um contexto social, além de regras que os sobreviventes passaram a ter com o tempo, de modo a possibilitar um saber que contribui para formar a militância do MST e dos trabalhadores sem-terra.

Referências

- ALMOND, G.; VERBA, S. *The Civic Culture*. Boston: Little, Brown and Company, 1963.
- ALMOND, G.; VERBA, S. (orgs.). *The Civic Culture Revisited*. Boston/Toronto: Little, Brown and Company, 1980.
- BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

- CALDART, R. S. *Pedagogia do Movimento Sem Terra*. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.
- CARNEIRO, L. P.; KUSCHNIR, K. *As dimensões subjetivas da política: cultura política e antropologia da política*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 13, n. 24, p. 227-250, 1999.
- MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. O massacre de Eldorado dos Carajás Pará/Brasil. *Caderno de Formação*, São Paulo, n. 32, 1999.
- MST. MOVIMENTO DOS TRABALHORES RURAIS SEM TERRA. Princípios da educação no MST. *Caderno de Educação*, São Paulo, n. 8, 1996.
- MAURO, G. *Construir o poder popular - o grande desafio do novo século*. Mimeo, 2006.
- PEREIRA, A. de J. *As linguagens presentes nas místicas do MST no processo formativo da militância orgânica*. 2014. 157 f. Dissertação (Mestrado em Performances Culturais) - Universidade Federal de Goiás, Escola de Música e Artes Cênicas, Programa de Pós-Graduação em Performances Culturais, Goiânia, 2014.
- PINTO, G. M. *História e legitimidade social - História e memória da EMEF Oziel Alves Pereira, uma escola em área de ocupação urbana em Campinas*. Campinas, SP: [s.n.], 2016.
- PRETTO, A. *25 anos de luta pela terra*. Brasília: Câmara dos Deputados, Cedi, Coordenação de Publicações, 2009.
- SANTANA, G. S.; SIMÕES, M. de L. N. Vozes da memória: performance e práticas simbólicas nas narrativas orais do rio do engenho (ILHÉUS/ BAHIA). *Revista Memorare*, Tubarão, SC, v. 3, n. 2, p. 62-77, maio/ago., 2016. Disponível em: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/memorare_grupep/article/view/4039. Acesso em: 12 mar. 2020.
- SILVA, Rubens Alves da. Entre “artes” e “ciências”: a noção de performance e drama no campo das ciências sociais. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 11, n. 24, p. 35-65, jul./dez. 2005.